

CONSTRUÇÃO DA MILITÂNCIA, GERAÇÃO E GÊNERO
NO MST E EM ASSENTAMENTOS RURAIS: REFLEXÕES
SOBRE UM PROCESSO DE PESQUISA

*Elisete Schwade*¹⁵

Meu objetivo, nesse texto, é refletir sobre o modo como *gênero, geração e militância* se fizeram presentes em interlocuções nos diferentes contextos de pesquisa que realizei com os atores políticos do Movimento sem Terra (MST) e os residentes em assentamentos rurais, nos últimos vinte anos.

Tais interlocuções estão *situadas* em contextos que não estabelecem continuidade no tempo e se referem a circunstâncias de pesquisa que vivenciei, conectando-se entre si, embora com hiatos que correspondem aos períodos sem contato. Assim, embora longos períodos de interlocução no campo, com permanência e estadia duradoura, de modo geral, são apontados como garantia de êxito da reflexão antropológica, no propósito de compreensão profunda da *situação cultural* envolvida, não é a ênfase na duração ou na sequência temporal que pretendo sublinhar aqui. Trata-se de perceber tais contextos, que se inscrevem num período temporal considerável, como possibilidade de elucidação mútua de mudanças e permanências relacionadas à militância,

¹⁵ Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAS/UFRN).

ao gênero e à geração, em assentamentos rurais e na relação com o MST. Ou seja, recuperar o que cada uma dessas interlocuções pode dizer, enquanto contexto significativo que orienta práticas de militância de jovens, homens e mulheres. Com enfoque na relevância de distintas temporalidades como possibilidade de perceber permanências e rupturas, destaco alguns planos comparativos: 1) um eixo temporal, considerando pesquisa de campo realizada em 1989-1990, em um assentamento em Santa Catarina, *vis-à-vis* a um retorno ao mesmo espaço em 2011; 2) um eixo geográfico-espacial, que me permitiu visualizar deslocamentos de ordem cultural em relação aos propósitos e significados da militância na luta pela terra, evidenciados no contato com situações de assentamentos na região Nordeste, bem como por meio dos diálogos e interlocuções construídos pela construção do projeto político do MST, que estabelece ligações entre distintas realidades de assentamentos rurais, em diferentes atividades coletivas.

PERCURSOS DE PESQUISA

Meu primeiro contato com a realidade dos assentamentos rurais aconteceu em 1989, quando a organização de tais projetos estava em sua fase inicial e a realidade dos assentamentos era diretamente associada à atuação do MST, ocasionando dificuldades na distinção entre “assentamentos”

e “acampamentos”¹⁶. O propósito de minha investigação inicial envolveu a construção do projeto militante, buscando os sentidos da luta pela terra a partir das interlocuções construídas pelos sujeitos com a igreja progressista, a chamada teologia da libertação. Nesse sentido, construí um processo de aproximação com um assentamento no extremo oeste de Santa Catarina, denominado Conquista na Fronteira, com o objetivo de compreender o projeto político-religioso do grupo e o seu delineamento no cotidiano, na família, na organização política e na militância. O resultado dessa primeira incursão naquele assentamento me fez perceber que, conforme consta no título de minha dissertação de mestrado, para os integrantes do projeto Conquista na Fronteira “luta não faz parte da vida... é a vida”, como me foi dito em certa ocasião¹⁷.

O assentamento Conquista na Fronteira é organizado, desde aquele período até o presente, de maneira a não identificar os lotes individuais, enfatizando um projeto coletivo. “Tudo é coletivo”, *discutido, votado, incluído no regimento* – da organização do trabalho e gestão do espaço, como o local de construção das casas, dos estábulos, das benfeitorias e da realização do plantio, passando por regras de convivência cotidiana, que devem ser consideradas para se fazer parte do

16 A diferenciação entre a situação de acampamento e assentamento obedece a uma classificação na qual, respectivamente, faz-se referência ao momento inicial de ocupação e à situação de autorização para residir como assentado, ou seja, a concessão de posse. Os primeiros assentamentos, no Sul do Brasil, tinham uma referência direta ao MST. Na dinâmica que assumem as ações do MST, tendo em vista os diálogos com diferentes realidades sociais na luta pela terra, alguns projetos se apresentam por meio da confluência de várias lutas políticas. Ver a esse respeito, Sigaud; L'Étoile, 2006 e Medeidos; Leite, 1999.

17 Pesquisa que resultou na minha dissertação de mestrado (Schwade, 1993).

